

ANA

TO

MY

COCCYX FEMUR

GREGÓRIO CARBONI MAESTRI

Um edifício não é um corpo!
"Reprodução" do pensamento arqui-biológico,
ou "biologização" da arquitectura contemporânea

HIROAKI UMEDA

text

PEDRO SENA-LINO

a casa

RICARDO TÉRCIO

NILS WOGRAM

Root 70 on 52nd 1/4 Street

LUÍS ROYAL

O Desenho de Zaha Hadid

AMADEO GUADIANA

$\Omega A = \Sigma M (AP)$

DUARTE LOBO ANTUNES

Registrar / Recordar

MIKKEL HERMANN SØRENSEN

Intention: Bastard
Drawing-set: Stages of Hybrid

CÉSAR PARREIRA

Astrid

DANIEL MALHÃO

Globo terrestre na biblioteca da Casa de Mateus
Globo celeste na biblioteca da Casa de Mateus

VERTEBRAE

CARLOS BUNGA

Arquitectura acelerada ou processo de Pintura?

* texto de Pedro dos Reis

LUCIEN ZELL

"The Architect of Correspondences"

Selected Quatrains from *The Road of Wind*

EMANUEL NEVADO

Um arquitecto de massas sonoras

JULIETA CERVANTES

Architecture on Stage: Imaginary Spaces

PEDRO RIBEIRO DIAS

Excerto de "As Aventuras do Príncipe Poema"

CRISTINA CAVALOTTI

PAVEL BRAILA

Next: Episode

PEDRO JORDÃO

home sweet home

JULIAN MAYOR

4 chairs

ÁLVARO SEICA NEVES

"2", "avesso", "mutação", "o saneamento do poema"

PEDRO LEVI BISMARCK

Architecture is (e)motion

PEDRO DOS REIS

NYC/RCB

SKIN

SIMON CRITCHLEY

Selected Fragments from *The Book of Fragments: A Life in Pieces*

PEDRO CLARKE

Ashes to ashes: LCCU – story of a humanitarian project

e.g.

[XZ]

CLAUDE SCHMITZ

Architecture for the body (chat-interview)

RUI ARISTIDES

Fragments de uma Perspectiva sobre
a Democratização dos Museus Noruegueses
e sua Arquitectura

MANFRED PERNICE

diary II (small print)

* texto de Paul Overy

PEDRO JORDÃO

dogviller: espaço pressentido

DUARTE KRÜGER

Cidades incomparáveis: Elementos-chave de reflexão
sobre a cidade do futuro

OZIAS FILHO

"partir para não ficar agarrado", "casa", "panorâmica"
+ fotografias

CARLOS M. GUIMARÃES

Arquitectura, Filosofia e Arte: Breves notas para uma
redefinição da noção de cultura arquitectónica

ANA TECEDEIRO

redes

UM EDIFÍCIO NÃO É UM CORPO!

“REPRODUÇÃO” DO PENSAMENTO ARQUI-BIOLÓGICO, OU “BIOLOGIZAÇÃO” DA ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA

Gregório Carboni Maestri

Meses atrás, estava lendo os números dos anos sessenta da revista *Arquitectura*. É preciso, a meu ver, certa dose de paciência para suportar aquela fase histórica da revista e, em geral, parte daquela fase da história da arquitectura, uma “prófase” da contemporaneidade. Contudo, apesar de não terem sido os anos mais interessantes da arquitectura portuguesa, já se respiravam ares novos, saboreava-se o começo de uma grande “aventura” teórica e sensível: a da arquitectura lusa contemporânea. Apareciam os primeiríssimos “Sizas”, os já belos “Távoras”...

Eu, leitor, sabia que, com paciência, iria chegar aos anos setenta, anos de mudanças e democráticas “mitoses” radicais, da Revolução dos Cravos...

É a sensação que temos quando, em plena adolescência, estudamos os ciclos de reprodução assexuada, sabendo que, mais adiante, há-de chegar a parte interessante, a da reprodução sexuada. No entanto, para poder desfrutar dela, é preciso aturar a multiplicação das bactérias, dos vírus...

Lia com calma aquela fase editorial, cheia de contradições, ainda em pleno Regime, embora já fosse perceptível nos seus conteúdos uma certa “autonomia”, conquistada com as lutas dos anos cinquenta por alguns arquitectos corajosos.¹ Na longa lista de artigos e de projectos publicados nesses números dos anos sessenta falta linearidade e coerência, o que deixa o estudioso em crise. Isto, é óbvio, importa pouco. O que importa, para o meu olhar contemporâneo, é que os projectos arquitectónicos urbanos, portugueses ou internacionais, eram um tanto ou quanto “feiosos”, formalmente

“divertidos” (nos vários sentidos da palavra), sem grande interesse, com pouca “substância arquitectónica”, ainda que ricos em conteúdos “externos”. Defina-se esta fase arquitectónica internacional, com ironia, de “biológica”, ou, se preferirmos, “biologizante”. Eram recorrentes os paralelismos com o mundo das ciências naturais, com as ciências humanas, com a linguística estruturalista de Saussure e com a antropologia de Lévi-Strauss. Tudo recoberto por um leve ar de “positivismo confuso”. Ao mesmo tempo, seria difícil definir aquele caldeirão de real interdisciplinaridade, pois, em última análise, o elemento mais importante, a arquitectura – no seu lado mais “construtivo” (no sentido cultural e teórico da palavra, se preferirmos, do seu “realismo”) –, acabava sendo o principal “ausente”. Tratava-se do “reflexo” de uma dinâmica cultural mais vasta, que caracterizava parte da “vanguarda” da cultura arquitectónica internacional daquele ciclo histórico; a meu ver, de certa importância, para compreender o que poderíamos definir como uma “biologização” da arquitectura contemporânea.

A um certo ponto, cá num interessante artigo: “Uma cidade não é uma árvore!”, de Christopher Alexander.² Resumindo, Alexander reage, indirectamente, contra uma aproximação “abstracta” à cidade, que reduz tudo à retícula e às suas redes “em árvore”, que realiza uma simplificação estruturalista de algo complexo, humano e social (simplificação, diga-se, muito em voga naqueles anos). “Uma cidade não é uma árvore!”, ainda que hoje pouco conhecido, tornou-se num daqueles artigos que marca a história da teoria

arquitectónica, pois, de forma fugaz, sintetiza tendências e reacções a fluxos teóricos de uma época e, portanto, a futuras modificações “genéticas” da história do pensamento arquitectónico e do pensamento cultural em geral. Anos antes, no Politécnico de Milão, já escutara falar desse artigo num dos belos cursos de “Teorie e techniche dell’architettura”. Entretanto, só o entendi depois de ter lido, com “simpático” fastio, a impressionante quantidade de artigos e elucubrações teórico-projectuais que estavam na moda naqueles anos, e que a revista *Architettura* publicava de forma confusa e condescendente.

Nas teorias e nas aplicações projectuais dos anos sessenta introduziam-se paralelismos e contrastes entre macro-estruturas arquitectónicas e, por exemplo, micro-estruturas biológicas: era a época dos “metaprojectos” (gigantescos, tendentes ao infinito), que podiam ir de “arquitecturas-cidade”, “Torres de Babel com rodas”, até cidades com dimensões titânicas, alcançando-se para a Lua, ou sabe-se lá para qual planeta longínquo – arquitecturas infinitas construídas a partir do desenvolvimento dos sistemas moleculares, da anáfase cromossómica, etc. Ao “brutalismo” dessas dimensões e dessas atitudes, misturavam-se formas que evocavam os princípios da biologia celular. Sintetizando ingenuamente: arquitecturas e construções eram “corpos”, “conjuntos-célula”, resultado de “ciclos reprodutivos”; e os sistemas urbanos, as cidades, transformavam-se em “redes”, formais e teóricas, com estruturas de funcionamento e desenhos ramificados, inspirados na lógica estrutural de... uma árvore, ou de fases de diferenciação celular, ou, ainda, porque não, de formação de anexos embrionais!

Essa visão, dominante em várias interpretações (em grau variado, não sempre “consciente”), era substancialmente formalista e, na tentativa de compreender a “questão urbana”, arquitectónica, ao propor novas aproximações, superando-a, caía em paralelismos que davam à natureza – ou a qualquer outro elemento de comparação externo ao “construir” (linguística, estruturalismo, ciência, antropologia, etc.) – um carácter “ontogénico” quase “mágico”; como se da “estrutura” dessas disciplinas externas pudessem ser individuadas as estruturas “correctas” para a disciplina e para a arte da arquitectura, do espaço, da cidade, do território. Isto tudo, é claro, com o tom sério e aparentemente inteligente de uma ciência como a biologia.

Nesse modo de pensar, as ruas eram veias; as pessoas e o movimento humano, o sangue e a linfa; a casa, um corpo; a cidade, uma árvore; uma sala ou um quarto, reacções cromossómicas de um sistema mais vasto, etc.

Eram os anos de movimentos como o *Metabolism* ou a *Architettura Radicale*. Os projectos dos jovens estudantes e as elucubrações das vanguardas “radicais” eram acompanhados por vocábulos recorrentes como “metamorfose” e “metáfase” e denominados com prefixos como “super”, “meta” ou elementos como “mega” – *i.e.*, “megaestruturas” e “metaprojectos”. Em muitas arquitecturas da época, tais características eram mais ou menos inconscientes ou indirectas, mais “estéticas” que estruturais. Pelo contrário, eram extremamente conscientes em movimentos como o *Metabolism*,³ nos japoneses “celularistas” (Kurokawa, Kikutake, Kawazoe, Ekuan), em projectos como a *Torre Cápsula Nakagin* em Ginza-Tokyo, de Kisho Kurokawa (1970-1972), na primeira fase do trabalho de Arata Isozaki ou Fumihiko Maki, no imaginário tecnológico dos *Archigram*, do Reino Unido, com projectos como a *Living Pod* ou *Seaside Bubbles* (1966), nos jovens radicais italianos do *Superstudio*,⁴ *Architettura Radicale*, *Superarchitettura*,⁵ *Archizoom*, etc. Impulsos que se reflectiam, indirectamente, com menos radicalismo e clareza, em arquitectos como os então jovens Richard Rogers e Renzo Piano – por exemplo, nos projectos para o *Centre Pompidou* de Paris – ou, ainda, nas arquitecturas mais “comerciais” do japonês Kenzo Tange e, em certo sentido, no Brutalismo internacional, sobretudo nas disposições volumétricas urbanas. Estas características faziam-se também sentir, na sua forma mais culta, progressista e dialéctica, em arquitectos como Zevi e Canella – uma nova arquitectura e uma nova cidade de “massa”, para uma sociedade massificada.

Contudo, essa visão não foi exclusiva nem da arquitectura, nem da época aqui tratada. A tentativa de individualizar significados estruturais, gerais e generalizadores, de funcionamento, que passam pela linguística, pela biologia, pela economia, pela sociologia, que procuram *patterns* pertencentes a outras disciplinas, como verdadeiras “fórmulas de deus”, é algo que podemos observar em outras áreas do conhecimento e em outras épocas, incluindo a nossa. É como se, de alguma forma, o que não se vê “aqui”, possa ser visto “ali”, como uma método estrutural “escondido” que a diferença

disciplinar permite evidenciar com mais facilidade, como se se tratasse de um “revelador colorido” da Química – atitude ingénuo na qual incorreram as mais brilhantes mentes, resíduos antigos de raciocínios religiosos, de um espírito científico ainda não amadurecido ou influenciado por campos culturais irracionais.

Mas, voltando à revista *Arquitectura*, depois de alguns números, meses e anos, a leitura, que inicialmente fazia eclodir ideias fascinantes, tornava-se irritante. Não se falava mais em cidades, com o seu vocabulário próprio e pertinente: ‘arquitectura’, ‘ruas’, ‘praças’, ‘tijolos’. Não se falava mais das coisas concretas, reais, simples. Nos escritos da revista, daquele período, sente-se um ar de impossibilidade para atingir questões fundamentais, questões que o meu avô materno, operário metalúrgico italiano e construtor autodidacta rústico, ou a minha avó, costureira, com certo senso estético, podem entender... Pelo contrário, nesses textos, retornava-se à teoria “biologicamente” complexa, estranha, abstracta...

A ciência servia ali como forma de dar autoridade a migrações teóricas imaginárias, confusas, arbitrarias. Essa macrofase da arquitectura dos anos sessenta estava repleta desta miscelânea de interessantes, fantásticas e férteis confusões interdisciplinares – entre linguística, biologia, economia, etc. – que entravam com força no debate da arquitectura, afastando os elementos básicos que a compõem. Era como se, para falar de cinema, fosse necessário usar metáforas culinárias; para falar de cozinha, metáforas filosóficas; para compreender o mundo dos insectos, lançar mão à arquitectura. Ironizando, poderíamos dizer que, naquele então, para compreender as questões urbanas, era preciso estudar como cozinham os Tupinambás de Lévi-Strauss e, para desenvolver uma nova teoria da composição ou construir uma bela casa, estudar a fotossíntese das *plantas* (verdes, não arquitectónicas).

Nunca como nos anos sessenta o mundo da arquitectura penetrou numa tão grande crise, no que se refere à elaboração e dignidade da profissão: o *International Style*⁶ passava como um rolo compressor sobre as belas, simples e poéticas dialécticas da arte arquitectónica, propondo *skyscrapers*, edifícios “iguais”, em todos os recantos, de Manhattan às periferias pós-estalinistas. A homogeneidade do academismo modernista, subordinado

ao capitalismo privado ou de Estado, apagava qualquer questão que se referisse ao estilo, à praça, à rua, à aldeia, ao amor pela arte, pela cultura, pelas contradições próprias da obra artesanal. Não por acaso, eram os anos do Brutalismo, do Estilo Internacional – o preferido das grandes corporações internacionais, que financiariam, dali a pouco, golpes ditatoriais em África e na América Latina, e dos regimes que preencheriam inteiros territórios com aquela arquitectura, de São Paulo, no Brasil, a Santiago, no Chile. Nos regimes “democráticos”, essa fase da arquitectura produziu as famosas “caixas” das *banlieues* francesas, que hoje queimam como caixas... de fósforos. Arquitecturas como estas, do *International Style* e do Modernismo internacionalizado, evidenciaram-se pela total ausência dos elementos primários da arte e da cultura arquitectónicas, produzidas pelo homem, feitas de humanidade, de quotidianidade, de estratificações históricas, expressão real das pulsações e das tensões sociais. Neste quadro simplificado, as arquitecturas que aqui definimos “biologizadas”, nas quais devemos incluir os vários Brutalismos e outras arquitecturas megaestruturais radicais (digamos “*Archigram-style*”), eram filhas daquela arquitectura *International Style* – burocratizada, pobre e escrava de um sistema económico e social árido, de um funcionalismo a-histórico, a-social –, herdeiras de uma arquitectura funcional adaptada às necessidades contingentes, sem idealidade cultural e política. Em suma, não diferentes do carácter pouco perigoso para o sistema de certos movimentos *hippies* da época: formalmente rebeldes, mas, no âmbito, de escassa ou nula superação.

De certa forma, Maki ou *Superstudio*, os projectos de casas-cápsula inspirados nos funcionamentos celulares, ou no fim “libertário” dos “dogmas” formais, eram somente uma parte “cult”, “jovem” e “radical” do funcionalismo internacional dominante – a face *cool* da mesma medalha, ou seja, da perda dos parâmetros e dos elementos fundamentais de reflexão. Não punham nada de substancial em discussão: nem a cidade especulativa, nem a alienação do espaço produzida pelo capitalismo, nem a brutalidade da cidade privatizada... Era a face *Beatles* da cultura arquitectónica vigente: apelativa mas paupérrima. Mesmo quando se falava a língua tediosa do modernismo académico dos “burocratas” de parte do Movimento Moderno – que reduziam tudo à “forma-função” e a outros determinismos

automáticos, deixando pouco espaço para as contradições da arquitectura, ou dos “metaprojectos” para “um milhão de habitantes”, com tubos conectando as diversas cápsulas-cidade – esquecia-se sempre a mesma questão. Esqueciam-se a arquitectura e os seus “ingredientes” essenciais. Esses radicalismos de fachada pretendiam uma “mudança das bases disciplinares” da arquitectura, em direcção a uma “arquitectura nova”. Mas, claro está, sem que fosse necessário mudar o mundo no qual essa arquitectura se produzia, para o qual essa arquitectura era produzida. Focavam-se muitas questões, mas jamais as fundamentais: a perda das simples e monótonas bases disciplinares que impedissem, num contexto de desastre cultural e político, a utilização da arquitectura pela máquina alienadora política. Ou seja, que questionassem a permissividade e a falta de planeamento na apropriação de vastas partes da cidade, e a destruição de texturas humanas e territoriais em favor dos interesses económicos, que resultaram em “caixas habitacionais” e arranha-céus desproporcionados e desumanizados, verdadeiros objectos-símbolo do poder económico que os construía.

A desumanização geral tornou-se *cool* e moda e, para valorizá-la, usou-se a ciência e a biologia, a tecnologia e os discursos complexos, aparentemente belos, afastados das questões proporcionais, humanas, relacionais. Rompeu-se com o princípio da totalidade, das partes e do todo como uma unidade. Negou-se o equilíbrio de uma cidade bem feita, com simples sabedoria artesanal, com cultura e paixão. Desenhar uma megacidade para milhões de habitantes-formiga é, sem dúvida, mais simpático e bem aceite quando se fazem elucubrações sobre a “complexidade” dos sistemas... “complexos”.

Tal “ovogénese” teórica foi posta em crise, total ou parcialmente, por aquela geração de jovens, os de “68”, em França, os de “77”, em Itália e, também, os de “74”, em Portugal. Quanto maior o peso da luta social, maior foi a crítica consciente ou inconsciente à decadência disciplinar da arquitectura e às teorizações das suas instâncias biológico-macro-mega-meta, etc. Estes jovens arquitectos eram dialecticamente formados na esperança de um mundo melhor – cultos, haviam crescido com o cinema e a literatura de qualidade –, fruto dos sofrimentos concretos dos seus pais, do neo-realismo, de um socialismo em construção... Contestaram tudo, reelegeram

a cidade, o território, a humanidade, a contra-relação com as “coisas” do “ser humano”, como base de qualquer debate sobre o território e a arquitectura. Em particular, um certo Rossi,⁷ procurando estabelecer uma teoria “científica” da arquitectura, como consequência de uma cultura dialéctica marxista, estabeleceu teoria complexa que, no fundo, disse coisas simples, ordenando ideias já ditas. Lembrou, de modo lapidar, que a arquitectura, na sua forma mais elevada, se faz com os “ingredientes” da arquitectura... ponto final. Não há árvores, mas *plantas*... não as verdes, não as de bulbos ou da floresta amazónica, mas as que nos permitem desenhar e compreender o espaço, intelectualizá-lo e estruturá-lo no papel. Plantas monótonas, de cidades, com ruas que são ruas, e não veias ou canais de “fluxos”, com suas leis próprias, humanas, políticas, reais, concretas, construídas de simples tijolos, argamassas imperfeitas, resultantes de estratificações sócio-culturais. No entanto, sem determinismos simplistas e mecânicos. A partir disto, sim, há e deve haver arte e experimentação. Como em qualquer arte, a arquitectura é um pouco autonomia disciplinar, um pouco determinação e produção humana – criação.

A meu ver, esse pensamento teve certa influência e relação com parte da arquitectura sumptuosa lusitana. Siza faz arquitectura, e nada mais, mesmo sendo pintor culto e progressista convicto. Souto de Moura, que fala das suas *plantas* (as arquitectónicas, não as verdes...) como fá-lo-ia um operário do seu filho, é também arquitecto simples e sem “fonzos”. Mas, quando se trata de circunscrever o tema da cidade e as questões intrincadas da arquitectura, um e outro fazem-no com a qualidade e a profundidade de pensadores orgânicos, pois usam as armas adequadas, os parâmetros justos. A arquitectura portuguesa é repleta de poesia, de sensibilidade requintada, de dialéctica espacial, de realismo concreto.

É curioso salientar que, nos últimos quinze a vinte anos – após aquela importante reacção, talvez devido à derrota histórica que sofreram o pensamento dialéctico, a razão e a racionalidade complexas (refiro-me à vitória do capitalismo e do egoísmo de massa, ao domínio do “salve-se quem puder”, do “cada um por si”, isto é, à vitória do neoliberalismo no final dos anos 1980), progressivamente, mas sempre com maior força, atingindo novos ápices pontuais nos últimos tempos –, tenha regressado esse forma-

lismo abstracto que se apoia em disciplinas longínquas da arquitectura. No meu ponto de vista, não é por acaso que grande parte dos maiores representantes desse novo “pensamento” sejam arquitectos culturalmente ligados aos Estados Unidos da América: Eisenman, Gehry, Libeskind. Com os “desconstrutivismos” recentes, vivemos novas fases daquela “biologização” da teoria arquitectónica e do seu processo criativo.⁸ O edifício e suas formas voltaram a não ser mais elementos inscritos na própria arte do *construir*. Eles nascem como “corpos” autónomos, gerados, como num processo de desenvolvimento embrional animal, por pensamento *informático* desligado do *fazer* arquitectónico.

Diferentemente dos anos sessenta, quando imperavam a biologia e as pseudotecnologias científicas “*NASA-style*” – na confusão teórica que penetrava e justificava o pensamento arquitectónico –, hoje, venera-se a “teoria do caos”, em clara “sintonia” com o caos económico, tão amado pelas personagens da política contemporânea. Caos das teorias, infinito, que enseja a impossibilidade de atingir uma verdade racional. Abstracção geométrico-matemática. Estrutura cromossómica. “Mágica” informática. Fascínio dos *pixels*, etc. Mais uma vez, procuram-se “lógicas”, ou melhor, “anti-lógicas”, com “estruturas formais”. Isto é, trata-se de um pensamento que procura uma “estética” no funcionamento das coisas, uma “divinização” das estruturas de funcionamento dos fenómenos.

Por um lado, alguns festejam e valorizam com desencanto realista a *beleza* das macrocidades, das superperiferias asiáticas, da brutalidade fundiária e especulativa de Manhattan; no fundo, festejando e valorizando o caos “real” da sociedade contemporânea. É o caso do (ex-progressista) Koolhaas, na moda e extremamente amado, que trabalha até para a Prada!⁹ Por outro lado, o “desconstrutivismo” decreta o fim da necessidade de “construir” um projecto segundo regras compositivas. Em última instância, não se trata do fim da necessidade de construir um pensamento *tout court*?

Como qualquer arte, a arquitectura também é arbitrária. Ela reflecte todos os fluxos sócio-culturais e as tensões do pensamento globalizado: matemática; explosão geometrizar: algoritmos, o infinito; a desconstrução “filosófica”; a ausência de relações, da verdade, do real; a informatização dos espaços e da realidade; a virtualidade dos sentidos e dos conceitos, etc.

Novamente, como nos anos sessenta e setenta, o grande *show* da geometria e da “teoria do caos” e da desconstrução, das meta-estruturas, das “cidades-árvore” faz-nos voltar ao “grande” e ao “macro”, ao “abstracto”, destruindo o “real” e a necessária “realidade” artística da arquitectura.

Agora, não mais tijolos ou argamassa – digam o que quiserem os novos “gurus” da teoria dominante –, que é o jeito prevalecente no mundo, junto à “lata” das favelas, de construir casas e cidades. Agora, é a forma pela forma, o plano teórico, a estrutura, as forças, os “dinamismos energéticos”, os *concepts*, as polarizações descontraídas e “irrealizáveis”.

O muro é “textura”; a parede, “plano”; as formas, “corpos”, “óvulo” e “ovogénese”. O território não é mais “solo humanizado” pelas relações historicamente estabelecidas, pelos romanos ou árabes, no tempo das estruturas agrícolas, dos feudos e das guerras. Não é mais “solo humanizado” pelo tijolo, com seu tamanho e sua forma, pela casa, pelo muro, pela porta, pelos efeitos de vizinhança. Ao contrário, passa a ser constituído pelas meta-estruturas dos arquitectos da moda (Fuksas, Perrault, Toyo Ito, Odile Decq, Holl, S.O.M.,...), segundo o gosto e o desejo do patrão: grandes, absurdas, fascinantes teorias que nada explicam, só “celebram” o que “é”, deixando de desejar o “melhor” – “pragmatismo yeah!”. No fundo, um pragmatismo da “lei de sobrevivência na natureza”: pobre contra pobre, rico que domina, pobre que morre, o ciclo da alimentação... Não é por nada, permitam-me a digressão, mas há um fascínio do neoliberalismo estado-unidense por um certo “mundo animal”, santificado por programas que *humanizam* os funcionamentos animais e *naturalizam* a violência humana, propondo, no final de contas, a inevitabilidade da violência social na “dura realidade” na qual “temos” que viver.

Superarranha-céus criam cidades para centenas de milhar de habitantes – vários os neo-“metaprojectos” dos *ArquiStars*, com os seus projectos de arranha-céus colossais para a China ou para as “capitais” económicas do planeta – com clara referência a sistemas complexos da natureza: formigueiros, colmeias e anatomia humana, incluindo os órgãos fálcos, no caso das recentes atracções turísticas de Londres (a *Torre SwissRe* de Norman Foster) ou de Barcelona (a *Torre Agbar* de Jean Nouvel). Libeskind projecta para a especulação imobiliária, sobre os mortos das *Torres Gêmeas*,

realizando uma explosão desestruturada, sem “sentido” formal, arbitrária e árida, sem significado urbano, humano, cultural, político ou simbólico... Calatrava compara as suas estruturas em betão com formas do corpo humano, “semeando” pontes no meio do “Primeiro Mundo”. *Shopping centres “aliens”*, em forma de *blobs* ou hipotálamos, penetram os centros urbanos, como o *Centro Comercial Selfridges Birmingham* ou a *Nova Biblioteca Nacional de Praga*, dos Future Systems...

Fala-se mais em *layers* (em todos os sentidos), arquitecturas *dinâmicas*, “corpos em movimento”¹⁰, do que em “ruas” ou qualidade espacial. E as faculdades elitistas dos Estados Unidos ou a Architectural Association de Londres, que um jovem filho de operário nunca poderá frequentar, por causa dos custos exorbitantes, com seus professores *stars*, incentivam os seus estudantes a produzirem projectos “super-radicalmente-desconstrutivistas”, completamente alheados da concreta “vida” da arte, da estrutura humanizada do percurso arquitectónico “real” e reconhecível. A cultura burguesa, destacada da realidade, celebra-se a si mesma e reproduz-se de forma hermafrodita...

Mais do que uma “lógica estrutural biológica”, como no *Metabolism* dos anos sessenta, mais do que o fascínio da estética tecnológico-radical, como nos *Archigram*, procura-se actualmente uma confusa “lógica formal biológica” (para permanecer na nossa metáfora simplificadora), lógica essa presente, por exemplo, em projectos como a luxuosa *Torre Espiral*, em Chicago, de Calatrava, ou a *Torre “Boom”* para uma *Cidade Dinâmica*, em Pequim, apresentada na última Bienal de Arquitectura de Hong Kong, do arquitecto Neville Mars, em tudo ou quase idêntico, é interessante salientar, ao projecto de 1963, *Tower City*, do *Metabolista* Kikutake. Procura-se uma escravização da “arte” e da cultura arquitectónicas por uma profissão de produção asséptica, de formalismos abstracto-radicaes, justificados com “matemáticas quânticas” ou com “algoritmos informáticos”, e considerados com a confiança ingénuo de uma criança (carácter “divino” da matemática?). Ou justificados com *crossing over*, estrutura e *brassage* genéticos capazes de gerar magicamente um “corpo” autónomo arquitectónico, saído como que virgem do útero de uma mulher já grávida, uma “Maria” super-tecnológica, sem que nada seja dito sobre o “território cultural” onde tal

“onda fractal” é colocada, sem que nada seja dito sobre a “mãe” e sobre o “pai” dessa criança, sobre a sua concreta “construção”...

No final de contas, trata-se exactamente da arquitectura “cultura” de que o capitalismo global necessita – muita “fumaça” estética e poucas perguntas sobre o futuro, pois nada se vê com tal cegueira. Nos últimos anos, seguindo a “onda”, alguns livros contribuíram para a penetração desse pensamento “paracientífico” e “cientificamente irracional” nas estruturas culturais, entre outras, da arquitectura¹¹. No entanto, não colocaram em discussão, por exemplo, o quão nocivo possa ser a desconstrução de um espaço urbano humanamente saudável.

Mais uma vez, com fé religiosa, procura-se a ciência “divina” que tudo explica, com formalismo mental que interpreta uma “estrutura formal” do Caos, uma ordem “abstracta”, mas real. É curioso salientar como necessitamos de um *Big-Bang*¹² para explicar um processo tão complexo como o da formação do universo, como se se tratasse da “Génese”: um começo, em dado ponto, no espaço e no tempo. Curioso como, para expressar o “caos”, necessitamos de um “caos formal”, onde continuamos à procura de uma “ordem divina”! Nada é menos apto à compreensão da “antiforma” (do infinito, da complexidade do caos) do que a própria “forma”. A forma da arquitectura, a sua “formação”, não faz mais do que reflectir tal *bourgeoisement* processual.

A desconstrução – de Hadid (ou as “veias em movimento” da sua recente proposta para o *Performing Arts Centre* em Abu-Dhabi), de Greg Lynn, de Eisenman – e as “desconfigurações” planares de Gehry, e de milhares de outros arquitectos “na moda”, são paráfrases tridimensionais e construtivas de infinito universal, em que se tenta negar o carácter próprio da forma arquitectónica. Mas, afinal, nisto tudo, onde fica o muro, a janela, a rua, o tijolo? Esse tijolo feito, ainda hoje, em milhões de exemplares, a cada dia; sendo, em quase todos os casos, o único meio de construção de casas para os seres humanos morarem no território global. E o bambu, ainda hoje usado pelos chineses para realizar os andaimes dos *skyscrapers* ou das “biologizantes” formas do *Estádio Olímpico de Pequim*, de Herzog & de Meuron, ou do *Centro Aquático*, com fachada em “bolhas de água” gigantes? E, sobretudo, onde fica a natureza “real”? Aquela feita de uma



Projecto **Chicago Spire**, Santiago Calatrava (Engenharia e Arquitectura).
© Arquivos Santiago Calatrava

casa, cuja proporção é ligada à natureza “essencial” das nossas dimensões biológicas – por exemplo, a altura média dos seres humanos. Onde ficam as únicas questões *biológicas* e *naturais* dignas de serem tratadas com urgência: a destruição e o futuro desaparecimento da vida humana, neste planeta em constante decomposição “coca-coliana”?

É fascinante enfeitar um discurso vazio com paralelismos e metáforas biológico-matemático-existenciais. Porém, é muito mais difícil e fastidioso falar das questões essenciais, individualizando com nova modernidade o fulcro dos temas fundamentais: a rua, suas proporções, seu desaparecimento enquanto espaço social; a janela, seu desenho, sua beleza, sua razão de ser e suas dimensões, em relação à vista da árvore ou do horizonte, do horizonte humano ao qual todo o ser humano deveria ter direito; a velha casa, seu valor intrínseco, forma digna de viver para todos. Casas honradas, museus (democráticos) inseridos num contexto urbano socialmente avançado, como vocabulário estético rico em dialéctica. Composições prudentes e aprofundadas, sabedoria culta de um artesanato antigo, de um desenho trabalhoso, feito à mão, para criar emoções fortes ou nobreza existencial, para um território que possa continuar a ter mais árvores do que arranha-céus. Para isso, é preciso deixar aos agrônomos a agronomia; aos matemáticos, os números; e, aos arquitectos, partidários de uma arquitectura desenhada, pensada e proporcionada, a tarefa de achar um meio para salvar o território de um desastre anunciado. A maçada não é falar de coisas banais. Maçada, pelo contrário, é falar de coisas que não conhecemos, que não fazem sentido, que assumem forma arbitrária e exótica, através de um processo intelectual desonesto. É desonesto falar da desconstrução sem a devida ironia e distância teórica. Ou legitimar a existência da cidade difusa e desumanizada, enquanto se acaricia o gato “multinacional” no sentido do pêlo, sem admitir que se trata de uma cidade feia e humanamente invisível.

Talvez nos períodos de crise da cidade e da disciplina arquitectónica, no vazio teórico e cultural, sob forte pressão económica e política, a produção de diversificadas elucbrações, que focam outras questões, não enfrentando as fundamentais, seja uma forma de doença que a nossa disciplina produz, como um período de “fraqueza” do seu metabolismo.





Abu Dhabi Performing Arts Centre, Zaha Hadid.
© Zaha Hadid Architects

No entanto, é relevante constatar que, nunca como neste período em que vivemos, em que tanto se misturam métodos “analíticos” de várias disciplinas, foi tão pouco desenvolvida a interdisciplinaridade entre urbanismo, arquitectura, ecologia, sociologia urbana, e a análise e preservação do património, do passado. A verdade é que, nunca como hoje, foi tão urgente que, ao invés de produzir reflexões desajustadas, a arquitectura – enquanto ciência do espaço, arte do desenho territorial, poesia da forma do construído – reaja contra uma realidade territorial catastrófica. Reaja contra a desumanização da cidade, sem precedentes históricos, contra a privatização espacial, com consequências gravíssimas e ainda pouco imagináveis, além, é óbvio, do progressivo e inevitável desaparecimento de qualquer forma biológica (para voltar à nossa “palavra-chave”) da face deste território, se continuarmos a aceitar a destruição do planeta, em nome do deus-dinheiro e da sacralização da propriedade privada.

Perdoe-me o leitor, pelo uso destas palavras tão antiquadas, tão maçadoras, quase tão maçadoras como o conceito ‘tijolo’. Todavia, como ainda posso usá-las, aproveito a oportunidade!

A nova “biologização” formal que hoje atinge a arquitectura – em projectos dinâmicos como, por exemplo, o *Wind Shaped Pavilion*, de Michael Jantzen, ou a *Torre Rotante*, no Dubai, de David Fisher, passando por projectos

como o arranha-céus de La Défense, em Paris, de Thom Mayne – talvez seja uma mera moda, ligada à ergonomia do *design* actual, ao peso de um sector especial na nossa cultura e no nosso quotidiano. Uma quantidade de formas “estranhas”, ou orgânicas, domina revistas especializadas, como um processo de polenização, que empurra cada vez mais os jovens arquitectos a seguir tais correntes, nas quais, é óbvio, o uso do 3D é indispensável. Fluxo efêmero? Tendência vazia? Devemos olhar, divertidos, para esta grande quantidade de novidades e “telófases” formais, no fundo semelhantes? Esta “biologização” da arquitectura contemporânea – certamente fórmula aqui usada com ironia simplificadora – representa um problema sério, o do formalismo “extremado”. Na realidade, trata-se de um formalismo “vanguardista”, académico e convencional, conformista, ingénuo, que transforma o edifício em *feto*, o território numa *placenta* abstracta. O território, a cidade, a arquitectura, são mais complexos e, ao mesmo tempo, mais simples do que isso. Na confusão e despreocupação disciplinar, cultural e política, na qual a arquitectura se encontra, mais do que continuar *apenas* a focalizar questões formais, é fundamental lutar, com urgência, por uma arquitectura cidadã, culta, dialéctica, sensível, que procure, com as suas armas, uma melhoria do real, ou, em último caso, não piorá-lo. Como? Saindo deste formalismo ingénuo, ou deixando de focalizar “tudo” neste aspecto. Saindo dessa nova atitude “metabolista”, desse “neo-metabolismo” destacado da realidade social, ciente que, em cada actuação, em cada gesto arquitectónico, além da forma e das suas qualidades intrínsecas, edifício e projecto territorial têm, ou podem e devem ter, influências concretas sobre o real, sobre o nosso mundo, de seres vivos, fauna, flora, mamíferos, seres humanos – ou, melhor, de seres sociais, culturais, políticos. Em Pavia,¹³ no norte da Itália, a planta da cidade, feita de “quadrados” de oitenta por oitenta metros, é a mesma há mais de dois mil anos. Nesses quarteirões, nessa planta romana, tudo mudou – casas, edifícios –, mas a *estrutura* urbana permaneceu. Nessa esplêndida estrutura urbana, feita de ruas e praças proporcionalmente perfeitas, tudo participa na lógica artística geral da cidade e na invenção formal. Aquilo que existe insere-se nesse processo urbano, nesse desenho, que tem na qualidade do espaço público e privado a sua principal valorização. Pelo contrário, poucos quilómetros



Wind Shaped Pavilion, Michael Jantzen.
© Michael Jantzen

a norte dessa cidade, sempre na planície da Lombardia, o futuro projecto de *skyscrapers* para Milão, o famoso projecto *CityLife*¹⁴ – dos *ArquiStars* Libeskind, Zaha Hadid, Isozaki, com formas *biológicas* e *orgânicas*, com torres *fálicas* espectaculares – simplesmente não contempla a questão do espaço urbano, do espaço em geral. Isto porque a forma externa, sua apresentação, é o único dado em análise e o espaço urbano é inexistente, pois não é sequer desenhado ou “desenhável”. Ou, talvez, porque aquelas formas, *biológicas*, de órgãos genitais ou de bananas, são externas, estranhas, dissociadas das formas e intuítos de uma rua, de uma praça, da arquitectura. Em suma, da cidade, que é tudo menos uma “bananeira”!

A criação pela criação – a experimentação, a arbitrariedade em arquitectura – é como a água para o crescimento de uma planta (verde): fundamental, vital, essencial. Mas, quando este processo se torna o único e exclusivo parâmetro criativo – destacado da realidade, das necessidades históricas e sociais do momento, escondendo sob fantasias radicais e libertárias um corpo conservador e reaccionário – passa a ser como uma planta com demasiada água, que, se não morre ou apodrece, é organismo geneticamente modificado; ou, pior, planta de plástico, que além de ser *kitsch* e de mau gosto, após pouco tempo, tem suas falsas folhas inevitavelmente encobertas pela poeira da mediocridade.

1. Com o I Congresso Nacional de Arquitectura em Lisboa (entre 28 de Maio e 4 de Junho de 1948) e, poucos anos depois, com o “Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa” (de 1955 até à sua publicação em 1960), editado pelo então Sindicato Nacional dos Arquitectos.

2. Primeira publicação em inglês na revista *Architectural Forum*, vol. 122, no. 1, April 1965, pp. 58-62 (Parte I) e vol. 122, no. 2, May 1965, pp. 58-62 (Parte II); (pp. 22-29; no. 95, 1967).

3. Nos últimos anos, muitas foram as tentativas de releitura crítica e de revalorização do movimento

Metabolism. Entre muitos exemplos há um de grande interesse: o artigo de Raffaele Pernice: “Metabolism Reconsidered, Its Role in the Architectural Context of the World”, publicado no *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, November 2004, pp. 357-363.

4. Cf. LANG, Peter & MENKING, William, *Superstudio. Life Without Objects*, Skira, Milano, 2003.

5. «A *superarchitettura* é a arquitectura da superprodução, do superconsumo, da superindução ao consumo, do supermercado, do super-homem, da gasolina super. A *superarchitettura* aceita a lógica da produção e do consumo e exerce uma acção desmistificante» – extraído do Manifesto da II Mostra de Superarchitettura, Modena, 1967.

6. WODEHOUSE, Lawrence, *The Roots of International Style Architecture*, Locust Hill Press, West Cornwall, 1991.

7. Principalmente com um livro que marcou o debate internacional da arquitectura, *A Arquitectura da Cidade*. Cf. ROSSI, Aldo, *L'Architettura della Città*, CLUP, Milano, 1978.

8. GENOVESE, Paolo V., *Dalla Decostruzione alla Cyber-Architettura e Oltre. L'Uso del Computer nella Progettazione degli Spazi Non-Euclidei*, Liguori Editore, Napoli, 2006.

9. KOOLHAAS, Rem, PRADA, Miuccia, BERTELLI, Patrizio, *Prada*, Fondazione Prada, Milano, 2001.

10. FINIZIO, Gino, *Architecture & Mobility*, Skira, Milano, 2006.

11. BECHTOLD, M., GRIGGS, K., SCHODEK, D. L., STEINBERG, M., *New Technologies in Architecture: Digital Design and Manufacturing Techniques*, Harvard Graduate School of Design, Cambridge, 2000; BISCHI, G. I., CARINI, R., GARDINI, L., TENTI, P., *Sulle Orme del Caos. Comportamenti Complessi in Modelli Matematici Semplici*, Mondadori Bruno, Milano, 2004; BOZZI, P., *Fisica Ingenua. Studi di Psicologia della Percezione*, Garzanti Libri, Milano, 1998; DONATO, F., LUCCHI BASILI, L., *L'Ordine Nascosto dell'Organizzazione Urbana*, Franco Angeli Edizioni, Milano, 1996; DULBECCO, R., *Struttura e Ordine in Biologia*, Montedison progetto-cultura, Milano, 1985; IMPERIALE, A., *Nuove Bidimensionalità. Tensioni Superficiali nell'Architettura Digitale*, Testo & Immagine, Torino, 2001; PERRELLA, S., “Hypersurface Architecture II”, monographic issue of *Architectural Design*, no. 133, London, 1999; ROBERT, D. P., “Un Ordine al di là del Caos”, in *Koudelka Caos*, Federico Motta, Milano, 1999; RUELLE, D., *Caso e Caos*, Bollati Boringhieri, Torino, 1992; SPILLER, N., “Architects in Cyberspace II”, monographic issue of *Architectural Design*, no. 136, London, 1998; TRAVERSA, G., *Metafisica degli Accidenti. Dalla Logica alla Spiritualità: Il Tessuto delle Cose*, manifestolibri, Roma, 2004; VULPIANI, A., *Determinismo e Caos*, Nuova Italia Scientifica, Roma, 1994; ZELLNER, P., *Hybrid Space: New Forms in Digital Architecture*, Ed. Rizzoli, New York, 1999. Estes são apenas alguns exemplos desta “onda” bibliográfica.

12. Teoria (por quanto das mais aceites por todos, até por nós) desenvolvida pela primeira vez por um padre católico, o belga Georges Lemaitre!

13. Para perceber, de modo sumário, o sublime sistema ramificado, territorial e historicamente estratificado, que é Pavia e sua província – verdadeira obra de arte complexa, com os seus monumentos (a *Certosa*), a sua rede infra-estrutural “desenhada” (os canais Leonardescos – os *navigli*), etc. –, veja-se BONETTI, Mauro & TERRAROLI, Valerio, Skira (Col. Guide artistiche), Milano, 2001.

14. E muitos dos “mega” projectos de “super” especulação imobiliária que estão invadindo o raro solo de Milão, primeiro grande exemplo contemporâneo – em escala urbana, numa cidade de um país desenvolvido – de “urbanismo *self-service*”, sem regras, sem leis, sem moral, em que o roubo do solo é justificado com “assinaturas” das grandes estrelas internacionais. Confronte-se o número sobre a “metamorfose” milanesa da revista *Lotus*, “Milano Boom”: *Lotus*, n.º 131, Skira-Editoriale Lotus, Milano, 2007.